

Gena Terra

**MITOLOGIA GREGA**

FACER

2002

Gena Terra



## MITOLOGIA GREGA

Monografia apresentada à FACER como requisito para conclusão de graduação em filosofia sob a orientação do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

S-30744

Tombo nº	102.37
Classif.:	.....
Ex.:	1
.....	.....
.....	.....
.....	.....
Origem:	d
Data:	02.06.02

FACER

2002

## SUMÁRIO

Introdução.....	3
Mito e Mitologia.....	4
Capítulo I – Mitologia Grega.....	5
Valorização da Terra-Mãe.....	5
Divindades Minóticas.....	7
Dominação e Absorção da Mitologia Celeste.....	8
O Olimpo.....	11
Capítulo II – Luta pela Desmitização e Dessacralização do Mito.....	14
Vitória ou não da Elite Intelectual?.....	16
Mito ou Rito.....	17
Capítulo III – Visitando o Olimpo.....	19
Capítulo IV – Prometeu: Desafio aos Deuses.....	24
Pandora: Um Presente dos Deuses.....	26
Por trás de Prometeu e Pandora.....	27
Paralelismo entre a Simbolização Grega e o Mito Judaico da Gênese.....	32
Conclusão.....	34
Bibliografia.....	36
Anexos	

## INTRODUÇÃO

Os povos primitivos utilizavam o mito como uma forma de explicar o mundo e a origem do que há nele. Explicações estas que têm certas semelhanças com fábulas, mas que geralmente escondem um aspecto que encerra uma verdade. A mitologia serve-se de símbolos para representar coisas que muitas vezes são reais ou que manifestam concepções morais.

As histórias mitológicas, por existirem a vários séculos, não eram escritas, somente contadas oralmente e passada por várias gerações, por isso há algumas divergências entre alguns autores, deixando margens a diversas interpretações, pois o mito carrega dentro de si um mar de sentidos, em que cada onda chega à praia trazendo um sentido diferente.

O trabalho seleciona e analisa os mitos para percebê-los não simplesmente como histórias fantasiosas, mas como tentativa de explicar a realidade humana e por a Mitologia ser muito vasta e ramificada será discutida apenas parte dela, na qual foram escolhidos os mitos de Prometeu e o de Pandora para serem analisados.

O primeiro capítulo apresenta como o homem adaptava os mitos de acordo com suas necessidades: a transição dos mitos telúricos (relativos a terra) para os mitos urânicos (referentes ao céu). Demonstra como o homem enfrentou as questões ligadas a sua sobrevivência, as questões humanas e espirituais; como ele encara os problemas de sua potência (ou impotência) e a imortalidade dos deuses.

O segundo capítulo descreve as várias tentativas da elite intelectual em desmitizar e dessacralizar o mito. Entre os desmitizadores pode-se encontrar os pré-socráticos e o Epicurismo.

O terceiro capítulo faz uma breve visita ao Olimpo, contanto um pouquinho da história dos deuses olímpicos e outros habitantes de lá.

O quarto capítulo narra o mito de Prometeu e o de Pandora, fazendo uma análise da simbolização contida neles. Faz também uma relação entre a Mitologia Grega e a Mitologia Judaico-Cristã.

A possibilidade de trabalhar a mitologia pôde trazer também um sentido diferente para este trabalho que se inscreve como mais uma onda no mar.

## MITO E MITOLOGIA

O mito do grego *mythos* (narrativa, lenda) é uma narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo que explica, através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo. É um discurso alegórico, que visa transmitir uma doutrina através de uma representação simbólica.<sup>1</sup>

Há muitas definições de mito: "*Representação simbólica contínua de vários significados e em vários níveis*". "*Operação da imaginação ingênua sobre os dados da experiência*". A essência do mito parece estar numa referência a um arquétipo que dá poder e eficácia à ação humana. Este arquétipo apresenta-se como um modelo primordial que tem sua origem no mundo sobrenatural. O homem, por sua vez, procura realizar este modelo sobre a terra. O mito não é exclusivo dos povos primitivos. Pela sua universalidade é a resposta às perguntas mais graves e profundas: origem do homem, seu destino, o mundo, o além.<sup>2</sup>

A mitologia é um conjunto de mitos característicos de uma determinada cultura ou tradição. Estuda e interpreta os mitos, sua origem e seu sentido, do ponto de vista filosófico, antropológico e cultural.<sup>3</sup>

Na mitologia foram expressas muitas facetas da concepção do mundo que o homem da antiga sociedade tinham formado. Dado que se verificam nela representações do sobrenatural, a mitologia contém elementos da religião. Mas, na mitologia manifestam-se também as concepções morais e a atitude estética do homem face à realidade.<sup>4</sup>

---

1. BRANDÃO, J. Dicionário Mítico-Etimológico. 169.

2. SANTRIDIAN, P. Dicionário Básico das Religiões, p. 342, 343

3. BRANDÃO, J. Op. Cit. p. 169.

4. ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. 73.

## CAPÍTULO I

### MITOLOGIA GREGA

O mito narra a história do tempo primordial, quando o homem do passado ainda não havia desenvolvido a filosofia nem a ciência. Relata as aventuras de seres, as ações da humanidade e a origem das coisas e as respostas aos vários problemas da vida, da natureza e de todo o Cosmos.

Diante de fenômenos da natureza (trovão, chuva, maré...) os homens ficavam espantados por não saberem o que eram tais coisas e "fantasiavam", como tentativas de explicar o que estava acontecendo.

Foi uma das primeiras manifestações culturais e religiosas; os primeiros esforços dos nossos antepassados para descobrir a verdade das coisas e tais explicações têm certa semelhança com as fábulas.

Por utilizar muitas metáforas, os "mitos" quase sempre relatavam fatos reais ou ensinamentos morais. Entre os gregos, a história de Teseu, o herói que matou o Minotauro (monstro que dominava Atenas), era na realidade a história de como os Aqueus destruíram o poder dos Minos (reis de Creta).

### VALORIZAÇÃO DA TERRA - MÃE

O primeiro ponto fixo em que o homem<sup>1</sup> se apegou foi à natureza; ao reconhecê-la como fonte geradora de toda vida, começa a adorá-la e a divinizá-la, mas com o tempo, transfere essa adoração para o Céu, substituindo os mitos telúricos (relativos à Terra) pelos mitos urânicos (relativos ao Céu).

A mitologia passa por vários períodos de dessacralização com o surgimento do racionalismo jônico. A elite intelectual da época colocava o mito mais ligado à opinião, à fantasia do que a verdade. Porém, mito é a verdade para aquelas populações.

---

1. O termo "homem" está se referindo a "parcela da humanidade que se fixou na região do mar Egeu e na Península dos Balcãs, hoje Grécia".

O homem também atravessa várias fases: primeiro as questões ligadas a sua sobrevivência, as questões humanas e espirituais; depois, os problemas de sua potência (ou impotência); por último as questões da imortalidade, da estabilidade na idade ideal e da superação (dos deuses) da forma humana.

Os mitos primitivos não apresentam o homem como um ser social, mas um elemento da natureza como qualquer outro animal. As forças sobrenaturais e naturais dominam o imaginário mais primitivo (onde não há presença do homem) mostrando-se aterrorizadora e imprevisíveis.

Neste período (primitivo), as divindades mitológicas são inseparáveis à natureza, não havendo diferença entre o natural e o sobrenatural.

*“Pela adoração, o homem acreditava se identificar com a natureza; pela adoração, ele trabalhava sua culpabilidade de ter-se afastado da natureza (...) Pela magia, ele tentava acalmar a fúria da natureza”.<sup>2</sup>*

O homem acreditava que a natureza possuía uma alma, “era dotada de uma ‘animação’ própria”, por não entender de leis causais e necessárias, conclui que ela se manifestava de acordo com sua vontade. Esta ‘anima’ da natureza não podia ser humana, portanto só devia ser sobrenatural. O que leva o homem a crer que os deuses se apresentavam sob a forma de coisas da natureza (rios, terra, chuva, sol).

A arte no paleolítico superior evidencia o lado divino da mulher: seu poder de criação, sendo a criação essencialmente divina. O homem passa a produzir símbolos de fertilidade, representando uma mitologia nascente. Vênus é encontrada na maioria das vezes, com bacia larga, volumosos seios e sexo bem delineado.

A Terra-Mãe – simbolizando a fecundidade e a fertilidade – é a expressão maior de como as religiões pré-helênicas foram devotas de divindades ctônias (subterrâneas), telúricas e femininas.

---

2. SILVA, Mitos telúricos, dominação celeste, p. 12.

## DIVINDADES MINÓTICAS<sup>3</sup>

Para os minóticos, os deuses – assim como a natureza – seguem o ciclo nascimento, vir-a-ser e morte. Deuses cretenses da fertilidade morriam e renasciam, também como a natureza.

A civilização minótica acreditava que o sobrenatural se manifestava por meio do natural, por isso o homem procura chegar ao sobrenatural pelo natural: adorava o touro, o machado, certas árvores, certas pedras consagradas. Na verdade, essas coisas não eram sagradas, mas as divindades que se manifestavam através delas.

Os primeiros instrumentos feitos pelo homem tiveram como matéria-prima a árvore e a pedra, portanto a mitificação do instrumento levou à mitificação dos materiais utilizados em sua construção.

A matéria-prima era divinizada por ser uma dádiva da natureza, principalmente da deusa Terra-Mãe. Talvez por isso que ocorria culto às árvores e pedras. Uma maneira do homem amenizar a “ira da Terra-Mãe”, por estar retirando para si o que na verdade é dela e também para agradecer a dádiva da matéria-prima “doada por ela”.

O homem ao reconhecer que a Natureza era a única fonte de vida, geradora de tudo que há, de onde tudo se origina, se apegou a ela como um bebê em relação à mãe, na qual podia confiar. Porém, ao evoluir a fabricação de instrumentos, o homem passou a enfrentar a natureza, o que o fez distanciar gradativamente dela.

*“O homem se deu inconscientemente a pretensiosa tarefa de dominar a natureza, crendo que, fazendo isso, ele estava construindo sua própria identidade, independente da natureza”.<sup>4</sup>*

Antes desta separação, o homem era simplesmente natureza um não se distinguia do outro. Passou a ser homem quando começou a se diferenciar dela,

---

3. A civilização minótica (também chamada de civilização cretense) situou na região do Mediterrâneo oriental e teve seu apogeu aproximadamente no séc. XVIII a.C. com o rei Minos. As divindades minóticas giraram em torno da Terra-Mãe. Cf. Anexo 1 – O Mapa do Mundo Helênico.

4. SILVA, Op. cit. p. 19

mas reconheceu nela o seu outro. Essa ruptura deu condições para o aparecimento das divindades: naturais e imanentes, o que fez o homem ver a natureza de maneira sobrenatural (já que a natureza se escondia atrás do véu mítico).

A natureza era uma forma de manifestação das forças divinas. Sem saber compreender o que era natureza, o homem ao menos tinha o consolo de poder explicá-la (mesmo que de forma sobrenatural). Pois o “mito explica sem compreender”. O homem sempre necessitou discursar sobre o meio em que está inserido – mesmo não compreendendo – porque o homem primeiro explicou para mais tarde compreender o que se passava. Depois, não compreendendo a natureza humana, passou a explicá-la através de mitos antropocêntricos, e cada vez que se deparava com problemas, mais refinados e elaborados iam se tornando os mitos.

Com o tempo, surgem os primeiros aldeamentos, a divisão social do trabalho e o convívio social, fazendo com que o homem desvie sua referência existencial – que até então era a natureza – para o outro homem (já que agora viviam em sociedade). Tais mudanças dão lugar para outras divindades, “substituindo” as questões de sobrevivência pelas questões espirituais e humanas (deuses com características antropomórficas e espirituais).

*“A abstração é eminentemente humana. A natureza só conhece o concreto. A passagem das divindades telúricas às divindades urânias (celestes) significa, assim, um afastamento da natureza, mas também um avanço na afirmação da espiritualidade humana.”<sup>5</sup>*

## **DOMINAÇÃO E ABSORÇÃO DA MITOLOGIA CELESTE**

A transição dos deuses telúricos para os deuses urânios implica também, a passagem das questões relacionadas à fertilidade para as questões relacionadas à potência/impotência humana (em relação à natureza ou quanto ao outro).

---

5. SILVA, Op. cit. p. 20

As divindades agora tinham formas humanas, linguagem e corpo, qualidades e defeitos; os deuses gregos do Olimpo não se caracterizavam pela moralidade, pela pureza, senso de justiça ou pela perfeição, e sim pela conquista, triunfo, vitória e poder de colocar (e manter) a ordem. Faziam coisas que muitas vezes os homens achavam vergonhosas: roubo, adultério, trapaças mútuas.

O homem se tornou um ser político (com a passagem dos mitos terrestres para os celestes) e com esta nova forma de encarar a realidade, prestavam cultos a Zeus e Apolo (deuses políticos).

A mitologia do nascimento do homem (antropogênica), busca recuperar a ligação do homem com a natureza: o homem aparece como uma manifestação da deusa Géia. Géia possui duas características dos mitos telúricos: mulher e mãe, originando dela, todos os seres. O mito de Prometeu também é antropogênico, mostra como através do barro e água ele criou o homem.

A passagem da divindade terrestre para a divindade celeste, se deu muitas vezes de forma pacífica, como no casamento de Géia com Urano<sup>6</sup>, que se uniram para a origem do Cosmos. Mas se deu também de forma sangrenta, como no caso de Apolo<sup>6</sup> – deus urânio e masculino – ao combater a serpente Píton – deusa telúrica feminina. Essa história, porém, deve ter sido a luta entre os Aqueus<sup>7</sup> e os cretenses, pela conquista do Templo de Delfos. Mito este, que os aqueus (vencedores da batalha) contavam:

*“Apolo matou Píton com um dardo poderoso; atingida, a serpente se contorceu em dores e morreu, entre borbotões de sangue, com um hálito pestilento. Faz parte deste mito a ninfa Telfusa (telúrica) que reinava naquela região e queria conservar o lugar, mas foi esmagada por um rochedo lançado por Apolo, que assim vingou a traição da ninfa. Divindade ou monstro: trata-se simplesmente de uma questão de ponto de*

- 
6. Da União de Urano e Géia nasceram os Hecatonquiros, os Ciclopes, os Titãs e as Titânidas. Cf. a Primeira Geração Divina: anexo 2.
7. Os aqueus (de origem indo-européia) foram os primeiros helenos; tiveram uma integração cultural como os cretenses, ao chegarem na Península dos Balcãs como colonizadores. Criaram várias cidades, na qual Micenas foi a de destaque. O séc. XV a.C. foi o ponto alto da civilização micênica. Os aqueus ao dominarem toda região oriental do Mediterrâneo, passaram a exercer o domínio religioso, impoem seus deuses celestes e masculinos, sem negar as divindades terrestres e femininas dos minóicos.

*vista. Os vencedores divinizam seus heróis, suas virtudes ao mesmo tempo em que rebaixam e monstrificam os mitos dos derrotados.”<sup>8</sup>*

A civilização micênica construiu vários templos em homenagem a Apolo, o Templo e o Oráculo de Delfos se destacou entre eles. Os Cretenses, antes dos Aqueus, também prestavam cultos, no Templo de Delfos, para a Terra – Mãe, que por sua vez, também tinha Oráculo. O Oráculo de Delfos foi potência durante quase dois mil anos (até a chegada da Era Cristã), sua maior mudança foi durante a passagem das divindades telúricas para as divindades urânicas. Na época dos minótics, o fiel ia ao templo e expunha seu problema ao oráculo, então deitava – se com a cabeça na deusa Terra – Mãe e dormia. Através do sonho era dada a resposta e o fiel procurava um sacerdote para ajudar a entender o sonho. Na época dos helênicos, o fiel ia ao templo e colocava seu problema à Pítia<sup>9</sup>, que dava a resposta do deus diretamente ao fiel; este procurava um Sacerdote para o auxiliar na interpretação do oráculo.

O mito, para diminuir a distância entre minótics e micênicos, criou relações familiares entre deuses das duas civilizações. Apolo é posto como irmão de Ártemis (selvagem e feminina). Minos é filho de Zeus, que é filho de Cronos e Réia.

O símbolo de potência sexual continuou sendo o touro. Os instrumentos eram tidos como dádiva divina, pois a técnica era considerada uma revelação dos deuses, fato este que só foi dessacralizado com a chegada dos jônios. O atributo à criação conservou - se com a Terra - Mãe (Géia) ao invés de ser ao todo-poderoso deus do Olimpo (Zeus).

Certos símbolos de poder demonstram a contínua relação entre os mitos terrestres e celestes, a transferência das potências naturais às espirituais e a superioridade dos aqueus sobre os cretenses: Zeus recebeu dos ciclopes (filhos de Urano e Géia) o raio e o trovão, simbolizando o poder do céu sobre a terra. Posídon (deus do mar, porém deus espiritual) ganhou dos ciclopes um tridente que o tornava capaz de criar montanhas e modificar a terra, demonstrando o poder dos deuses

---

8. SILVA, Op. cit. p. 22

9. Diz-se que a sacerdotisa Pítia ficava sentada sobre uma fenda na terra, desta fenda subiam vapores extasiantes, que deixava Pítia numa espécie de transe. Assim ela se tornava o meio pelo qual Apolo se revelava.

espirituais. Outro exemplo, que acabava por distanciar o deus espiritual da natureza – mostrando-se assim superior a ela – foi o presente que Hades recebeu (também dos ciclopes): um capacete que o tornava invisível.

Os aqueus aceitavam que a Terra-Mãe (Géia) era a origem, mas existia algo anterior a ela, conceberam que seria o Caos (de origem micênica) a origem primeira, e que Géia (de origem cretense) teria rompido com ele. Chamaram de Caos, a matéria informe à espera de ser organizada; algo já existente, massa rude e carente de estrutura, onde forças próprias e ocultas poderiam, ser organizadas, produzir e perpetuar a vida. O Caos não é pois, a desordem, a confusão; é a possibilidade de tudo. Adotaram portanto, a idéia de que a origem do Cosmos (ordem) é seu oposto, o Caos.

O resultado do sincretismo religioso das duas civilizações deixou em evidência os mitos micênicos como superiores aos minóticos:

*“Géia – telúrica e feminina – surge do Caos, rompendo com a potencialidade desordenada, num primeiro movimento de ordenação do cosmos, e gera Urano – o céu estrelado, de características micênicas -, que se torna o primeiro senhor do Universo, refletindo o domínio dos aqueus sobre os cretenses”.<sup>10</sup>*

É a Terra (Géia) transformação da matéria que, amoroso amplexo com o Céu (Urano), dá origem às divindades primordiais. A força que ordenou o Caos deixou nas entranhas da Terra uma multiplicidade de poderes geradores, que engendraram todas as formas existentes na superfície terrestre: seres vegetais e animais.

## O OLIMPO

A transição dos mitos telúricos para os mitos espirituais demorou duas gerações divinas: Urano<sup>11</sup> (céu estrelado) e Crono (Tempo); seria muito súdita a

10. SILVA, Op. cit. p. 25

11. Cf. Anexo 3: De Urano a Zeus

passagem da Terra-Mãe imediatamente para Zeus e Apolo. Esta passagem pode ser vista como a longa transição do domínio minótico para o domínio micênico.

Os deuses, que até então não tinham formas definidas, com o derrota dos Titãs<sup>12</sup> eles se tornam antropomórficos (deuses com formas humanas) tornando-se assim capazes de superar a forma humana.

O problema principal – a fertilidade – que anteriormente angustiava o ser humano é deixado para segundo plano, vindo à tona a questão da potência, que se torna um problema divino. Os deuses não se esquecem da fertilidade, ao serem consagrados espirituais, apenas transferem esse atributo (antes somente a Terra-Mãe) a outros deuses, como Zeus e Deméter (terra cultivada / irmã de Zeus).

A potência, como preocupação primeira, é demonstrada na contenda entre deuses e homens, quando os homens notaram que podiam ser vencidos pelos deuses. Exemplo desta disputa era os jogos olímpicos da antigüidade – festa religiosa em homenagem a Zeus – na qual o homem se dispunha a ir mais rápido, mais longe e mais alto, em direção ao Olimpo.

A conservação da idade ideal, a imortalidade e a superação da forma humana são explícitas na afirmação da potência divina. Sexualidade e fertilidade são aludidas quando se refere à potência:

*“A sexualidade fica evidente nas atividades de Zeus, incansável no seu exercício de seduzir lindas princesas e belas deusas. A fertilidade, resultado desses amores, aparece na quantidade de filhos – heróis – que Zeus deixou por todos os cantos da Grécia Antiga. Entretanto, a fertilidade aparece como expressão da potência, essa, sim, característica distinta de Zeus”.*<sup>13</sup>

Para os gregos, contar as façanhas de um deus era celebrá-lo; quando falavam sobre as conquistas amorosas de Zeus, cultuavam e celebravam a potência sexual ou potência em geral.

-----  
12. Os titãs tiveram papel importante na Mitologia Grega, foi através do Titã Crono que originou os deuses olímpicos: Crono é pai de Zeus, porém houve uma “guerra” entre eles (Titanomaquia) e Zeus destronou seu pai, que por sua vez também já havia destronado Urano (pai de Crono). Cf. a Titanomaquia: anexo 4

13. SILVA, Op. cit. p. 27

Os mitos cosmogônicos cederam espaço para os mitos antropomórficos. Os deuses se humanizaram, socializaram e politizaram, tendo privilégios como os homens. Zeus e Apolo são exemplos de deuses que exerciam fundamentais poderes político e social. Zeus era uma referência para os heróis, exemplo de luta na defesa da civilização grega. Apolo, uma expressão ideológica das classes dominantes gregas, um exemplo de bom convívio na sociedade. As funções sociais de Zeus e Apolo são complementares.

Entre os deuses gregos, não se encontram apenas boas qualidades, é comum a inveja, a ira, o ciúme, a vingança, entre outras. O importante, porém é ele (o deus) ter poder de exercer sua qualidade, independentemente de ser boa ou má. Hermes é o mensageiro dos deuses e deus dos ladrões; e como ladrão é insuperável. A imortalidade é a maior expressão dessa potência.

Na primeira geração dos homens, os homens eram semelhantes aos deuses: jamais envelheciam e tinham vida longa. Até então, tempo não existia; veio a existir quando Cronos destronou Urano<sup>14</sup>: "*afirmou o tempo como senhor do Cosmos*". (SILVA, Op. cit. p. 28)

Os homens primitivos projetavam nos deuses seus desejos, como a imortalidade, que expressa um poder excepcional: a vitória sobre a morte e a idade ideal, na qual os deuses gregos do Olimpo nascem, desenvolvem-se e estabilizam-se na idade ideal, tornando-se imortais.

---

14. Cronos castrou seu pai (Urano) retirando dele todo poder; vale lembrar que nessa fase o que estava em questão era a potência, principalmente sexual, se Urano perdeu sua potência sexual, conseqüentemente perdeu seu poder.

## CAPÍTULO II

### LUTA PELA DESMITIZAÇÃO E DESSACRALIZAÇÃO DO MITO

A Mitologia Grega se destacou entre as mitologias antigas pelo seu cunho ritual. Foi ela uma das primeiras manifestações religiosas e culturais. Enquanto as demais mitologias têm como característica principal a escrita, a Grega se sobressai pelo seu caráter religioso e artístico.

Sabe-se, por exemplo, dos mitos egípcios, Textos das Pirâmides, Textos dos Sarcófagos, entre outros; dos Mitos Gregos sabe-se muito dos rituais, chegaram até nós a poesia, a literatura erudita e a arte figurativa.

Os mitos ainda se mantêm vivos, apesar das várias alterações sofridas ao longo do tempo, por poetas e artistas: mudanças estas, de acordo com as exigências artísticas do momento.

Radical, porém, foram os Pré-Socráticos, que em nome do lógos (da razão), procuraram desmitizar ou dessacralizar o mito. Mircea Eliade afirma:

*“Em nenhuma outra parte vemos, como na Grécia, o mito inspirar e guiar não só a poesia épica, a tragédia e a comédia (e acrescentaríamos o lirismo), mas também as artes plásticas; por outro lado, a cultura grega foi a única a submeter o mito a uma longa e penetrante análise, da qual ele sai radicalmente ‘desmitizado’ (...). Se em todas as línguas européias o vocábulo ‘mito’ denota uma ‘ficção’, é porque os gregos o proclamaram há vinte e cinco séculos.”<sup>1</sup>*

Dois outros entraves para o mito foram a “dicotomização” e a “politização”. Na primeira acreditava-se que o homem só podia atribuir aos deuses coisas belas, fazendo assim alterações que se adaptasse às exigências morais. Na segunda, utilizando os constantes deslocamentos do mito, principalmente os mitos dos heróis, elegeram Atenas<sup>2</sup> (certamente por motivos políticos) como a cidade de “passagem inevitável”, e como ponto de encontro dos mitos: como ocorreu com

---

1. Mircea ELIADE apud Junito de Souza Brandão, Mitologia Grega, vol. I, p. 27.

2. Cf. a localização de Atenas no anexo 1.

Édipo de Tebas e muitos outros que percorreram Atenas. Muitos mitos locais foram deturpados por poetas e escritores que atribuíam - lhes feitos e conquistas de heróis das cidades vizinhas. E ao contrário, difamavam e encobriam as glórias e façanhas dos heróis das cidades inimigas. Por causa desta "dicotomização" e desta "politização" muitos fatos importantes da história foram modificados.

Os sofistas também deram sua contribuição, aproveitando do abalo na estrutura da mitologia, tentaram banir o mito da mente de seus jovens.

Ao deixar o século V a.C., a mitologia entra em choque com o Epicurismo (Epicuro buscava libertar o homem do temor dos deuses). De tão enfraquecida, a mitologia parecia morta. Porém, eis que surge uma luz no fundo do túnel e faz nascer duas novas maneiras de interpretação do mito: o alegorismo e o evermerismo, para "ressuscitar" a mitologia.

No alegorismo eles utilizavam a ficção, representando um objeto para dar idéia de outro; usavam muitas metáforas, que nas palavras eram uma coisa, mas seu sentido era outro. Na alegoria, o escritor para explicar algo, "conta uma história", deixando as coisas subentendidas, com significações ocultas nas "entrelinhas".

Foi ainda no séc. IV, com a alegoria que souberam que os nomes dos deuses reproduziam principalmente fenômenos naturais.

A alegoria mais conhecida é a Alegoria da Caverna<sup>3</sup>, que simboliza "o caminho que o filósofo percorre das noções imprecisas para as idéias reais que estão por trás dos fenômenos da natureza".<sup>4</sup>

A caverna representa o mundo em que vivemos (mundo material). As sombras das estatuetas são as coisas materiais e sensoriais que percebemos. Os habitantes da caverna são os seres alienados que se apegam a coisas materiais. O prisioneiro que se liberta e sai é o filósofo, que procura a saída (busca o conhecimento). O ofuscamento quando começa a sair da caverna é a passagem (transição) da ignorância para o saber. A estranheza e o medo são o início do conhecimento. A luz do sol é a luz da verdade. O mundo exterior é o mundo da verdadeira realidade (ou das idéias verdadeiras). A visão do mundo real iluminado é a Filosofia. O retorno à caverna é a tentativa de educar e libertar os homens da

---

3. Cf. A alegoria da Caverna no anexo 5.

4. GAARDEN, J. O Mundo de Sofia, p. 105.

ignorância. Zombam, espancam e matam, “*porque imaginam que o mundo sensível é o mundo real e o único verdadeiro*”<sup>5</sup>. A morte é a negação do Conhecimento.

No final do séc. IV a.C. para o começo do séc. III a.C. o filósofo Alexandrino Evêmero, acreditou ter achado a origem dos deuses e chegou a publicar um livro sobre isto: *História Sagrada* (romance sob a forma de viagem filosófica). Ele afirmava que os deuses eram antigos reis e heróis, e que os mitos contavam as proezas feitas por eles em terra. O Evemerismo, segundo Junito Brandão, nada mais é do que a tentativa de explicar o processo de apoteose de homens ilustres.

*“O próprio Evêmero diz “ter encontrado na Ilha dos Bem-Aventurados um templo dedicado a Zeus. Neste templo se conservava uma coluna de ouro em que o próprio deus, quando ainda vivia como simples mortal, gravava a história da humanidade!”*<sup>6</sup>

## VITÓRIA OU NÃO DA ELITE INTELECTUAL?

Após tantas lutas para desmitizar e dessacralizar o mito, será que a mitologia conseguiu sobreviver? A resposta é sim; cambaleante, porém viva.

Enquanto a elite de grandes pensadores – poetas, escritores e filósofos – tentava atacar utilizando alguns métodos como o alegorismo e o evemerismo, a massa popular se mantinha fiel à tradição religiosa, aos mitos primitivos, não aceitando assim nenhuma reforma “proposta” ou “imposta” por ninguém. Nem o Imperador Teodósio (346-395 p.C.) obteve sucesso; mesmo fechando e destruindo templos, não conseguiu eliminar os vários tipos de mitologias e religiões populares.

Se nem o Imperador conseguiu extinguir a religião do paganismo, teriam que procurar outros métodos “menos violentos” para conquistá-los. Surge o Cristianismo, que sem modificar sua doutrina, adota a mitologia com seus símbolos e significantes, a fim de trazer para si os fiéis pagãos.

5. CHAUI, M. Convite à Filosofia, p. 41.

6. BRANDÃO, Junito S. Mitologia Grega, v. I, p. 32

Houve então, uma certa mistura; uma cristianização de significantes da Mitologia Grega. O que tornou comum hoje encontrar semelhanças do culto cristão<sup>7</sup> com “fatos mitológicos”.

Os deuses e heróis podem ser equiparados a santos e mártires; com outros nomes (mais comuns), encontraram seus próprios arquétipos. A mitologia deixou de ser regional, para se tornar universal:

*“Uma fonte da Gália, sagrada desde a pré-história, por causa da presença de uma figura divina local ou regional torna-se santa para toda a cristandade, após ser consagrada à Virgem Maria. Os matadores de dragões são assimilados a São Jorge ou a um outro herói cristão; os deuses das tempestades o são a Elias.”<sup>8</sup>*

Como também Hera (grega) tem a mesma “função” de Santo Antônio (cristão).

Outra prova do forte alicerce do forte alicerce da Mitologia foi ter superado a Idade Média, mesmo que evemerizada, alegorizada e mascarada, ela se mantém viva, como um belo modelo de cultura e religião.

*“A consciência mítica, embora reprimida, não está morta. Afirma-se mesmo entre os filósofos e sua persistência secreta encoraja-lhes talvez os empreendimentos no que estes têm de melhor. Não se trata, por conseguinte, de uma simples arqueologia da razão. O interesse pelo passado constitui-se aqui na preocupação com o atual.”<sup>9</sup>*

## MITO E RITO

Para os gregos antigos, a religião é a possível rememoração, reatualização e ritualização do mito. Através do rito, o homem se torna capaz de

---

7. A própria Bíblia Sagrada é reflexo desta semelhança, pois nela há vários mitos.

8. BRANDÃO, Junito S. Op. Cit. P. 33.

9. Georges GUSDORF apud Junito de Souza Brandão. Op. Cit. p. 34.

fazer novamente o que os deuses e heróis fizeram “nas origens”, porque o segredo da origem das coisas se aprende com o conhecimento dos mitos.

A realidade do mito é adquirida através da repetição:

*“Um objeto ou um ato não se tornam reais, a não ser na medida em que repetem um arquétipo. Assim a realidade se adquire exclusivamente pela repetição ou participação; tudo que não possui um modelo exemplar é vazio de sentido, isto é, carece de realidade”.<sup>10</sup>*

O rito recupera o tempo sagrado do mito e extingue o tempo profano, pois o homem antigo não aceita a irreversibilidade do tempo. Enquanto o profano é cronológico, impossível voltar ao tempo (irreversível); o sagrado é mítico, é circular, voltando ao tempo sempre que desejar (é reversível).

---

10. Mircea, ELIADE apud Junito de Souza Brandão. Op. cit. p. 40.

### CAPÍTULO III

#### VISITANDO O OLIMPO

Os gregos concebiam a idéia de que o céu era governado por uma família divina, semelhante a alguma família rica da terra, porém imortal e toda - poderosa. Família esta, que observava e criticava os homens até quando estes lhes ofereciam sacrifícios. Não acreditavam num Deus único; para eles no Céu havia deuses e deusas.

Os olímpicos formavam uma família divina, composta pelos doze deuses mais importantes, que estavam sempre dispostos a brigar entre si. Comandavam e menosprezavam os deuses menores, no entanto, desdenhavam e caçoavam, mais ainda, dos mortais.

No topo do Monte Olimpo, a montanha mais alta da Grécia, acima do nível das nuvens, havia um palácio enorme protegido por muros imensos (quase impossíveis de serem escalados) que era onde os olímpicos moravam. Os palácios reais da Terra serviram de arquétipos na construção do palácio dos olímpicos, cujos pedreiros foram os ciclopes (gigantes de um só olho).

Havia no Palácio uma sala do Conselho, na qual os deuses se reuniam para discutir o “destino” dos mortais: qual exército deveria ganhar uma guerra; qual rei ou rainha deveria receber punição ou gratificação. Mas a maior parte do tempo, discutiam assuntos sobre si mesmos, brigas e controvérsias entre eles.

O rei Zeus, o Todo - Poderoso, era um deus forte, valente, estúpido, violento, barulhento e presumido. Destronou seu pai, Crono, um rei malvado e preguiçoso, e por isto estava sempre alerta à possibilidade de algum membro de sua família tentar fazer o mesmo com ele. Após a “destruição” do poder de Cronos, Zeus e seus dois irmãos Hades e Poseidon sortearam as três partes do reino de Cronos, cabendo o Céu a Zeus, o mar a Poseidon e o mundo inferior a Hades; a Terra foi compartilhada entre os três. Zeus era um deus potente, que gostava de seduzir mulheres mortais e que tinha muitos filhos.<sup>1</sup>

A rainha Hera, desde que Zeus a pediu em casamento sempre recusou, isto por trezentos anos. Zeus com sua perspicácia, aproveitou do ponto

---

1. Cf. anexo 6.

fraco de Hera, se transformando em um indefeso cuco, pego por uma tempestade bateu à sua porta, Hera comoveu-se e deixou-o entrar, tentando aquecê-lo sussurrou: "Pobre pássaro, eu te amo". Rapidamente Zeus voltou à sua forma original e disse: "Agora tu deves casar comigo!" Hera sentindo-se obrigada, aceitou casar-se e por pior que ele se comportasse, ela sempre tinha que dar bom exemplo. Porém é sempre rabugenta e nunca sorriu. É a deusa dos amores legítimos. Vai ao extremo por seus objetivos, utilizando qualquer meio para atingi-los. Ficava irritadíssima por Zeus estar sempre se "casando" com mortais, mas ele justificava dizendo que ela não devia se preocupar porque ela sempre seria a principal, eternamente jovem e bela, enquanto as mortais eram simples aventuras, logo envelheciam e morriam.

Poseidon é o prudente deus dos Mares e dos Rios. Como recompensa pela ajuda da expulsão de Cronos, Zeus casou Poseidon com Afrodite, antiga deusa do Mar, passando a ele todos os poderes dela. Poseidon estava sempre rancoroso, pois não se conformava em ser menos importante que seu irmão mais novo, mas não ousava desafiá-lo, pois temia seus relâmpagos. Tinha um tridente que lhe dava o poder de agitar os mares e até provocar naufrágios, por isso sempre que Zeus precisava viajar, nunca ia por mar.

Deméter – deusa da fecundidade, de todos os frutos, folhas e grãos úteis – tinha uma filha, Perséfone, infeliz no casamento com o detestável deus das trevas (Hades). Deméter tinha levado uma vida bastante desordeira quando mais jovem; alguns dizem que o pai de Perséfone pode ser algum deus campestre que bêbado (para ganhar alguma aposta durante um festival de colheita) se casou com Deméter, mas há outros que dizem ser Zeus o pai. Deméter é uma deusa que raramente sorria, a não ser quando sua filha vinha visitá-la uma vez por ano.

Hefesto, filho de Zeus e Hera, deus dos carpinteiros, ferreiros, pedreiros, ourives e joalheiros. Era um deus manco. Alguns dizem que quando ele nasceu, Zeus lançou-o por cima do muro do Olimpo depois de gritar para Hera que um pirralho fracote como aquele não podia ser seu filho. Outros dizem que por tentar socorrer sua mãe Hera, que brigava com Zeus, foi por este lançado do Olimpo, que ficou aleijado. Hefesto sofre as limitações de seu próprio físico e serve de alvo de chacota para seus irmãos imortais. É casado com Afrodite; é o mais prestativo e humilde dos Olímpicos.

Atena, deusa da Sabedoria e das Batalhas (embora nunca fosse às guerras senão quando forçada, sempre vencia suas lutas), é a preferida e mimada pelo senhor do Olimpo. Apesar de sua inteligência, não sabia quem eram seus pais. Poseidon afirmava ser ele e Líbia (uma deusa africana) os pais dela, porém ela repudiava a idéia de ser filha de um deus tão "burro", por isso preferia acreditar na versão de Zeus (que dizia ser ele o pai). Dizia ele que certo dia estava possuído por uma terrível dor de cabeça e que Hefesto vendo seu sofrimento caridosamente rachou-lhe o crânio de onde saiu Atena.

Afrodite, deusa do Amor e da Beleza, também não sabia quem era seu pai. Apenas se sabe que ela foi encontrada no mar, flutuando em uma concha, perto de uma ilha. Alguns dizem que ela pode ser filha de Anfitrite com Tristão, um deus menor que costumava soprar uma concha, emitindo assim sons poderosos. Mas na maioria, dizem que quando Cronos mutilou Urano (cortando-lhe os testículos), uma parte caiu no mar e formou uma espuma, de onde nasceu Afrodite. Afrodite tinha um cinto mágico, que sempre que desejava que alguém a amasse loucamente, ela o usava; por isso, para evitar confusões, Zeus decidiu que ela devia ter um marido trabalhador e decente, escolhendo Hefesto (que ficou muito feliz). Porém Afrodite achava uma vergonha ter um marido manco, da cara suja e mãos calejadas, por isso exigiu ter um quarto separado só para ela.

Ares, deus da guerra, era alto, bonito e fanfarrão; tinha maus modos, era ignorante (Atena sempre zombava dele), tinha mau gosto; assim mesmo Afrodite o achava maravilhoso. Ares e Afrodite adoravam passar ciúmes em Hefesto: viviam de mãos dadas, cochichando e sorrindo pelos cantos. Quando Hefesto reclamava ao conselho, Zeus debochava dele, dizendo que Ares não tinha culpa de apaixonar-se pela esposa dele enquanto ela usava o cinto, e que tolo tinha sido ele por presentear Afrodite com algo tão "perigoso".

Apolo, deus da Música, da Medicina, da Poesia, do Arco e Flecha e dos rapazes solteiros. Era filho de Zeus e Letó, uma deusa menor e pouco importante com quem se unira apenas para implicar Hera. Apolo fazia suas travessuras, uma delas foi roubar o oráculo de Delfos, que pertencia a Mãe-Terra, avó de Zeus. Revoltou-se algumas vezes contra o pai, mas foi sempre muito bem castigado, e aprendeu a se comportar melhor. Apolo estava longe de ser o deus da luz, do equilíbrio, do conhecimento a ti mesmo, porém, a seus fiéis protegia até o fim. Apolo casou-se várias vezes em diferentes épocas.

Ártemis, deusa da caça e das moças solteiras, aprendeu com Apolo, seu irmão gêmeo, medicina e o manejo do arco e flecha. Gostava de pescar, caçar e nadar ao luar nos lagos das montanhas, mas se algum homem a visse sem roupa, ela transformava-o em cervo e perseguia-o até matá-lo. Apesar de ser bondosa ao cuidar das mães na hora do parto de seus bebês, odiava a idéia de se casar.

Hermes, filho de Zeus e Maia (uma deusa menor) era deus dos comerciantes, banqueiros, ladrões e adivinhos. Tornou-se o mensageiro dos deuses, por ser um corredor incansável: viajava por todas as partes entre a Terra e o Olimpo. Era também um ótimo inventor, criou a máquina de fazer fogo (broca de fogo), a lira, a balança, o alfabeto e as ciências (especialmente a matemática e a astronomia).

Hestia, irmã mais velha de Zeus, era a deusa do Lar, cuidava do braseiro que ficava no centro da Sala de Conselho. Era a mais bondosa e serena de todos os olímpicos, abominava as eternas brigas da família.

Certo dia, Zeus comunicou aos demais que Diôniso, seu filho com Semele (uma mortal) havia criado o vinho e que merecia um trono no conselho. Porém, acrescentando mais um assento, se tornaria treze, um número de má sorte. Para manter a paz, Hestia cedeu seu lugar a Diôniso, colocando a ala das mulheres em desvantagem, pois sempre que houvesse uma votação para escolha de algum assunto feminino, os votos dos deuses seriam mais numerosos (sete deuses contra cinco deusas).

O conselho era formado por estes deuses citados, porém o Olimpo era moradia de outros deuses (deusas) e heróis, como Hércules<sup>2</sup> e sua esposa Hebe (deusa da Juventude), Eros (filho de Afrodite), Anfitrite (esposa de Poseidon), Semele (mãe de Dioniso), Ganimedes (belo portador da taça de vinho de Zeus), Réia (mãe de Zeus), entre outros.

Também merece destaque no Olimpo, as Moiras (Clotó, Láquesis e Átropos), as deusas mais antigas, elas decidiam exatamente quanto tempo cada mortal devia viver: teciam um fio de linha, que era cortado com a tesoura quando elas achavam que "certo mortal" devia morrer. Sabiam qual o destino de cada deus do Olimpo, mas raramente o revelava, assim até Zeus as temia.

---

2. Cf. anexo 7 – Os filhos de Herácles (Hércules)

“Os olímpicos bebiam néctar, uma bebida doce feita de mel fermentado; e comiam ambrosia, que, ao que consta, seria uma mistura crua de mel, água, frutas, azeite de oliva, queijo e cevada – mas há muitas dúvidas quanto a isso. Afirmam alguns que certos cogumelos pintados, nascidos cada vez que um dos relâmpagos de Zeus caía na Terra, é que teriam sido o verdadeiro alimento dos Olímpicos. Dizem também que era isso que os mantinha imortais. Os olímpicos gostavam muito do cheiro da carne assada de bois e carneiros, mas não lhes apreciavam o paladar. Por isso os mortais costumavam oferecer-lhes sacrifícios de gado bovino e ovino, comento a carne logo em seguida”<sup>3</sup>

Não somente os deuses e deusas<sup>4</sup> formaram a Mitologia Grega<sup>5</sup>, ela é composta também por histórias muito interessantes de titãs, titânidas, heróis e heroínas (serão analisadas algumas no próximo capítulo). Histórias estas, que muitas vezes são mais conhecidas do que dos próprios olímpicos que fazem parte do Conselho, como o mito de Hércules<sup>6</sup>.

---

3. GRAVES, R. Deuses e Heróis do Olimpo, p. 16

4. Cf. a descrição completa da origem e história dos deuses na Teogonia de Hesíodo.

5. Cf. outras características dos deuses e deusas nos anexos 8 e 9.

6. Hércules é o mais célebre dos heróis da Mitologia grega, filho de Júpiter e de Alcmena. Hera tomada de ira, mandou duas serpentes para o devorarem no berço; a criança, porém, afagou-as nos braços. Quando crescido, executou, sob as ordens de seu irmão Euristeu, as doze empresas perigosas, conhecidas pelos *doze trabalhos de Hércules*.

## CAPÍTULO IV

*“O mito de Prometeu simbolizava precisamente a história evolutiva do gênero humano (...) Enquanto os outros mitos simbolizam este ou aquele aspecto do funcionamento perverso ou sublime, o mito da criação do homem trata exclusivamente da transformação energética das instâncias: consciente (intelecto), subconsciente (imaginação exaltada), supraconsciente (espírito). (...) Seu destino simboliza a história essencial do gênero humano: o caminho que conduz da inocência animal (inconsciente), através da intelectualização (consciente) e do perigo de seu desvio (subconsciente), até a eclosão da vida supraconsciente (Olimpo)”<sup>1</sup>*

### PROMETEU<sup>2</sup>: DESAFIO AOS DEUSES

O titã Japeto e a Oceânida Clímene, tiveram alguns filhos, entre eles Prometeu e Epimeteu.

Quando ainda não havia distância entre os deuses e os homens, em Menaco (nome antigo de Sicione, cidade da Arcaia), oferecia-se sacrifícios aos deuses. Certa vez, desejando enganar Zeus, Prometeu ofereceu a ele um boi, que estava dividido em duas porções: em uma continha as partes comestíveis do boi (carnes fatiadas e miúdos gordos) que estava envolvido no bucho do animal; na outra porção, continham somente os ossos, recoberta com uma linda gordura reluzente, de modo que não se percebia o conteúdo de nenhuma das porções; Zeus disse a zombar-lhe: *“Filho de Japeto, insigne dentre todos os reis, o doce dividiste as partes zeloso de um só!”* (HESÍODO, Teogonia, p. 137) Prometeu, ciente de sua trapaça, com um sorriso suave, responde-lhe: *“Zeus, o de maior glória e poder dos Deuses perenes, toma qual dos dois nas entranhas te exorta o ânimo”*. (HESÍODO, Teogonia, p. 137)

Zeus percebeu a astúcia, mas como guardava em sua alma um plano mau contra os homens, pegou a porção de banha e engoliu, ao se deparar com os

1. DIEL, P. O Simbolismo na Mitologia Grega, p. 232, 233.

2. Cf. Os descendentes de Prometeu no anexo 10.

ossos, encheu - se de uma súbita ira, e bravejou: "*Filho de Japeto, tu que és mais sábio do que todos nós, pensastes, ao que parece, em trair-nos!*" (Karl Kerényi, Os Deuses Gregos, p. 169). Cheio de cólera, avisou que nunca esqueceria a traição e que por tentar tapear sua sabedoria, como vingança receberia um presente fatal que enfeitiçaria e faria com que ele e seus homens amassem (o presente), assim seriam prejudicados.

Porém, certa vez, Prometeu e seu irmão Epimeteu foram incumbidos de distribuir aos seres da terra as qualidades necessárias para a sobrevivência. Epimeteu pediu para fazer o trabalho sozinho e foi distribuindo virtudes compensatórias. Deu asas a alguns, tamanho a outros, agilidade a mais alguns, criando um equilíbrio necessário entre as espécies. Ficou para o final do trabalho o homem, a quem Epimeteu deixou indefeso e desprovido de qualquer dom, já que tinha se acabado as virtudes disponíveis. Para prover o homem do mínimo necessário para sobreviver, Prometeu subiu ao Olimpo, a morada dos deuses, roubou uma faísca de fogo na oficina de fundição de Hefesto e apressadamente entregou aos homens. Desta vez, Zeus, sentindo-se subestimado, não conteve o ressentimento e resolveu punir simultaneamente os homens e o protetor.

Como castigo, Prometeu foi agrilhado a um rochedo, onde uma águia lhe devorava um pedaço do fígado durante o dia, que voltava a crescer durante a noite. Este suplício só teve fim quando Hércules<sup>3</sup> (a mando de Zeus), fechou a águia e libertou Prometeu.

---

3. Os doze trabalhos de Hércules e outras façanhas: 1º afogou o leão de Nemea; 2º matou a hidra de Lerna; 3º capturou vivo o javali de Erimanto; 4º alcançou na carreira a corça dos pés de bronze; 5º matou a flechadas as aves do lago Estinfale; 6º subjuguou a touro da ilha de Creta, mandado por Netuno contra Mínos; 7º matou Diomedes, rei da Trácia, que alimentava seus cavalos com carne humana; 8º venceu as Amazonas; 9º limpou as estrebarias de Augias, fazendo passar por elas o rio Alfeu; 10º combateu e matou Gerionte, de cujos rebanhos se apoderou; 11º roubou os pomos de ouro do jardim das Hespérides; 12º finalmente livrou Teseu dos infernos. Além destas praticou, ainda, inúmeras outras proezas: separou os Montes Calpe e Abela (chamados depois Colunas de Hércules), soltou Prometeu, encarcerado sobre o Cáucaso, e matou o centauro Néssus, que queria raptar Dejanira, sua mulher. Esta última vitória custou-lhe a morte.

## PANDORA: UM PRESENTE DOS DEUSES

Prometeu teve seu castigo separado, enquanto que, como prometera Zeus, a punição dos homens ainda estava por vir. Prometeu avisou a seu irmão Epimeteu que não aceitasse nenhum presente vindo dos deuses.

Zeus deu ordem a Hefesto de criar uma mulher fascinante, bela e sedutora, semelhante às deusas imortais. O deus coxo modelou com argila (e animou) uma mulher irresistível, que recebeu o nome de Pandora.

*"E criou já ao invés do fogo um mal aos homens: plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos como virgem pudente, por desígnios do Cronida; cingiu e adornou-a a Deusa Atenas de olhos glaucos com vestes alvas, compôs um véu laborioso descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos, ao redor coroas de flores novas de relva sedutoras lhe pôs na fronte Palas Atenas e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro, quem a fabricou: o ínclito Pés-tortos lavrando-a nas mãos, agradando a Zeus pai".<sup>4</sup>*

Cada imortal quis contribuir com algo para que Pandora se tornasse fatal: Atena além das citadas ensinou - a a arte da tecelagem; Afrodite instigou-lhe o desejo e deu-lhe a beleza; Hermes encheu-lhe o coração de astúcia, cinismo, fingimento e artimanhas além de conceder o dom da palavra.

Ao sair do Olimpo, Pandora ganhou dos deuses uma caixa que estava com a tampa lavrada – jamais poderia ser aberta – objeto este que deveria ser entregue ao noivo como presente de núpcias.

Hermes conduziu Pandora até Epimeteu, e este, esquecendo-se da advertência que recebera de seu irmão, de não aceitar dons de Zeus, acolhe a insinuante Pandora como sua esposa.

Pandora, porém, não resiste a curiosidade, e acaba retirando a tampa da "caixa proibida", desobedecendo assim, as ordens dos deuses. Ao abri-la, todos os males, vícios, enfermidades e desgraças são espalhadas entre os homens. Só a esperança permaneceu na caixa, pois Pandora recolocou rapidamente a tampa.

---

4. HESÍODO. Op. Cit. p. 137.

## POR TRÁS DE PROMETEU E PANDORA

O mito de Prometeu está centrado no símbolo da criação, conta a história específica do despertar da consciência e a oposição entre o intelecto e o espírito. Porém, esta criação em seu princípio geral vem de Zeus, que representa o espírito, enquanto que o princípio específico da instituição do ser intelectualizado é simbolizado por Prometeu. Em outras palavras, o homem é criado pelo espírito (Zeus), mas difere-se das outras formas de vida por ter se tornado consciente (intelectualizado) e individualizado (Prometeu).

Por meio da intelectualização, o homem é incitado a buscar os desejos pervertidos – a perversão é exclusiva ao homem – recusando assim, os desejos do espírito.

*“Na medida em que o Homem é passível de perversão, ele não é mais, segundo a imagem do mito, a criação do espírito, mas a criatura do intelecto”.* (DIEL, 1991:221).

Prometeu é o símbolo da revolta contra o espírito, o princípio da intelectualização, que já é explícito no próprio nome (Prometeu significa o providente). Simboliza também, a revolta de seres terrestres movidos por desejos arrebatadores.

O titã Prometeu modelou o homem com terra lodosa, ligada às coisas materiais e a desejos terrestres banalizados. Mas para dar animação à criatura, como Epimeteu já havia distribuído todos os dons, não sobrando nada aos homens. Prometeu teve que buscar na região do Olimpo (ideal evolutivo) onde estavam guardados todos os princípios da vida, o fogo (intelecto). Porém, apartado do espírito, o intelecto perde sua “força espiritualizante”, reduzindo-se a um instrumento de satisfação dos desejos variados.

No entanto, diante do terror do mistério da morte, o homem não se esquecendo completamente do espírito, passa a prestar cultos (voltando-se ao espírito), ofertando bens materiais aos deuses, representando que o homem está disposto a se desprender dos bens terrenos e de suas paixões (fogo destrutivo). Promessas apenas simbólicas, pois cegos e viciados pelos desejos da matéria, não se desapegam tão facilmente.

*“Guiados pela vaidade do intelecto revoltado, orgulhosos de sua capacidade inventiva e de suas criações engenhosas, os homens se imaginarão semelhantes aos deuses e, esquecidos do espírito, se banalizarão. Na medida em que a luz do espírito e o calor da alma se enfraquecem, nada mais se subsistirá senão o impulso banal de beneficiar-se dos bens materiais. Entretanto, a atividade engenhosa do intelecto não se mostra suficientemente previdente, uma vez que não é mais guiada pelo espírito”.<sup>5</sup>*

Ao perceber que, com o afastamento do espírito houve uma multiplicação imprudente de desejos imaginativos e conseqüente obscurecimento afetivo, o intelecto sentiu necessidade de retroceder. Com isto ocorreu uma perversão de sentimentos, que ocasionou entre os homens uma detestável disputa pelos bens materiais, espalhando assim desassossego ao invés de bem-estar.

O Simbolismo “fogo-intelecto” pode ser interpretado como chama purificadora ou como fogo roubado. O próprio Prometeu ensina aos homens que ao fazerem um sacrifício deve-se guardar para si a melhor parte e ofertar a pior aos deuses. Este conselho encorajou os homens a desafiar o espírito e a deixar-se levar pelos seus desejos. Assim sendo, a tentação voltará para quem ousar enganar os deuses (espírito).

O castigo dado aos homens é Pandora, que simboliza a exaltação imaginativa, os desejos terrestres e a “morte da alma”. *“Pandora representa a sedução banal que faz sucumbir o ser tornado consciente, quando esquecido do espírito, exalta o intelecto”*. (Idem. p. 226)

O fogo não pode ser roubado de Zeus, assim como o intelecto não pode revoltar-se contra o espírito, pois se o intelecto não é guiado pelo prudente espírito, perde sua perspicácia previdente, fica cego e torna-se imaginativo. O homem no lugar de saber, ele imagina. E as conseqüências (os males) desta imaginação exaltada (Pandora) é a culpabilidade e sentimentos negativos que se voltarão contra ele mesmo.

*“A culpabilidade, agora banalizada, tornando-se tédio, signo da perda da verdadeira satisfação e de sua alegria,*

---

5. DIEL, P. Op. Cit. p. 225, 226.

*preencherá o vazio interior seja pela agitação sem freios, seja pela luxúria e pelo lucro; o intelecto ofuscado, transformado em imaginação, exalta-se, e Pandora o seduz*.<sup>6</sup>

O intelecto ofuscado é reproduzido por Epimeteu (irmão de Prometeu), que tem por característica agir antes de refletir, símbolo do pensamento desprovido de previdência, que é seduzido por Pandora (exaltação imaginativa e desejos do momento). Epimeteu (intelecto banalizado) mesmo sendo advertido por seu irmão Prometeu (intelecto revoltado) não resiste à sedutora Pandora (imaginação exaltada).

Prometeu – intelecto, segundo o mito, tem previdência bastante para desconfiar do presente de Zeus – espírito, por considerá-lo um inimigo a temer. Por isso está disposto a negar qualquer presente oferecido por Zeus. No entanto, o desprezo em relação ao espírito é um disfarce para o amor (desejo) exaltado, que tem como instrumento uma forma de tentação enorme: a vaidade.

Epimeteu sentindo-se envaidecido recebe com prazer a prenda e sem se dar conta torna-se sua vítima, preso à cegueira banal, e ao amor exaltado dos desejos múltiplos. Epimeteu se casa com Pandora. E segundo Paul Diel, o intelecto ofuscado pela intensidade da exaltação “desposa”, elege, a exaltação imaginativa.

O resultado desta união é o desatar da maldade. Os personagens míticos são a simbolização das qualidades positivas e negativas da psique humana e é a perversão dos homens que dará prosseguimento a essas núpcias simbólicas. Pandora leva consigo uma caixa para presentear quem se deixar seduzir. A caixa simboliza o subconsciente, que é onde contêm todas formas de “depravação”, ajudado pela consciência cega reproduzida por Epimeteu.

*“A caixa (subconsciente) é levada por Pandora (exaltação imaginativa) e recebida por Epimeteu (consciente ofuscado e cego). Deformação doentia do inconsciente, o subconsciente cria-se a partir do advento do ser consciente, capaz de uma escolha errônea em relação ao sentido evolutivo, capaz de multiplicar seus desejos de uma maneira insensata (criatura de Prometeu) em razão da sedução dos*

---

6. DIEL, P. Op. Cit. p. 227.

*desejos exaltados (Pandora), sedução exercida sobre o consciente enfraquecido em sua resistência (Epimeteu).<sup>7</sup>*

A caixa é aberta por Pandora, ao comemorar suas núpcias, e é quando todos os males são espalhados pela Terra. Paul Diel caracteriza estes vícios (males) como constituintes das diversas formas de perversão e que são as conseqüências da deformação do espírito (a vaidade do intelecto revoltado) da deformação sexual (representada pela mulher sem alma) e da deformação social (tendência dominadora que coloca um homem contra outro por meio da exaltação de necessidades terrestres).

Prometeu consegue escapar da sedução de Pandora, porém não escapa do castigo, pois os males são espalhados como castigo a todos.

No mito, Prometeu e Epimeteu são irmãos, enquanto o primeiro tem por característica primordial a previdência, o segundo se mostra desprovido de previdência. Simbolicamente se apresentam como "duas pessoas", mas na realidade são apenas "uma". "*Epimeteu é o próprio Prometeu, o intelecto enfraquecido sob sua forma ofuscada, inseparável de seu aspecto revoltado*". (Idem p. 229)

Prometeu (intelecto revoltado) é castigado porque deu preferência à terra em lugar do espírito, desencadeando os desejos terrestres. Hefesto (divindade do fogo, aqui é símbolo do intelecto) acorrenta Prometeu (intelecto revoltado) a mando de Zeus (lei do espírito). A falta carrega consigo sua própria punição por isso, o intelecto revoltado, a pedido do espírito, é castigado pelo intelecto.

O titã é preso a um rochedo, onde uma águia devora um pedaço do fígado a cada dia. O fígado torturado representa a culpabilidade reprimida; a águia torturadora simboliza o meio de repressão, o espírito negativo, a vaidade culpada. A águia é a união da vaidade exaltada e da banalização, responsável pelo nascimento do tormento de Prometeu e é esta união que assinala a situação do ser intelectualizado e enfraquecido. Porém, o intelecto revoltado não se encontrava completamente banalizado, ainda havia um desejo em relação ao espírito, caso contrário não seria atormentado pelo remorso. "*O intelecto revoltado, mesmo acorrentado, não se encontra completamente em estado de 'morte da alma'. O espírito vem visitá-lo*". (Idem, p. 230).

---

7. DIEI, P. Op. Cit. p. 229.

A águia, também é símbolo de lucidez penetrante (significação positiva), pois a culpa não será reconhecida enquanto persistir a revolta. O intelecto revoltado, sofrendo por estar contrário à significação da vida, transgressor em relação ao espírito, culpa a vida e seu sentido, confere ao espírito sua própria culpa (Prometeu aprisionado faz acusações rumo ao céu, contra Zeus).

O titã continua acorrentado apesar das blasfêmias, pois o homem enfraquecido tem que libertar por si mesmo, através de sua própria força evolutiva. É Hércules (homem-herói), vencedor simbolicamente divinizado, que liberta o intelecto banalizado, matando a águia torturadora com suas flechas (símbolo do espírito que ilumina).

*"A águia-devoradora pode ser morta pela arma do espírito, o remorso pode 'morrer' com a única condição de que seja expiada a falta. Que cesse a acusação odiosa e que nasça o arrependimento salutar. Libertado de seu tormento, o intelecto consegue, enfim, livrar-se de sua revolta inicial. O intelecto ressuscita da banalização para a vida do espírito. Hércules reconcilia Prometeu (o intelecto) com Zeus (o espírito). Filho simbólico do espírito desde seu nascimento, homem simbolicamente divinizado graças à sua perfeita purificação, Hércules é o herói-salvador que põe fim à falta inicial da vida consciente (pecado original)".<sup>8</sup>*

Com a reconciliação entre o intelecto e o espírito, as conseqüências da culpa inicial são extintas.

*"O intelecto reconciliado retoma sua forma evolutiva, alcança a intensidade da espiritualização (...). Para que o intelecto arrependido de sua volta possa assumir seu lugar entre os imortais, é preciso que morra seu princípio negativo, a banalização."<sup>9</sup>*

---

8. DIEI, P. Op. Cit. p. 231.

9. DIEI, P. Op. Cit. p. 231.

## PARALELISMO ENTRE A SIMBOLIZAÇÃO GREGA E O MITO JUDAICO DA GÊNESE

A Bíblia Sagrada é repleta de mitos e logo em seu primeiro livro (Gênesis), encontra-se o mito da criação, que pode - se fazer um paralelismo com o mito de Prometeu.

Na simbolização grega, Zeus nega o fogo a Prometeu (e aos homens). No mito judaico, o Espírito-criador é representado pela voz que proíbe a Adão (símbolo da humanidade nascente) comer do fruto da árvore do conhecimento (símbolo da intelectualização).

*"O intelecto revoltado é representado pelo espírito decaído, o demônio, que incita o ser tornado consciente, vivendo ainda no paraíso animal, a revoltar-se contra o chamado espírito e a exaltar seus desejos (a comer a maçã). O demônio cria, assim, o homem enquanto ser falível".<sup>10</sup>*

A ligação do casal Pandora e Epimeteu é semelhante à de Eva, sedutora do homem-inocente, Adão, símbolo da humanidade nascente.

No mito judaico também pode - se encontrar as conseqüências da queda do ser intelectualizado: a deformação do espírito (promessa da serpente vaidosa); a deformação sexual (depravação e vergonha: folha da figueira) e a deformação da futura sociedade (a maldição "ganhar o pão com o suor do rosto").

Assim como o mito de Prometeu, o mito de Adão e Eva também simboliza a história essencial do gênero humano: o Paraíso é símbolo do inconsciente; a vida terrestre, do consciente; o inferno do subconsciente; e o céu, do supraconsciente.

A história evolutiva da humanidade é tema central nos dois mitos da criação e o paralelismo entre eles estende-se da queda à elevação:

*"Prometeu representa a história evolutiva da humanidade não somente através da tendência à perversão, representada pelo rapto do fogo, que corresponde à queda de Adão, mas*

---

10. DIEL, P. Op. p. 223.

*também pela esperança de espiritualização cujo símbolo é a elevação ao plano da divindade. Simbolicamente, a elevação do herói indica a abolição das conseqüências da queda original".<sup>11</sup>*

A única maneira de extinguir o apego exaltado aos desejos carnis (e terrestres) é através da espiritualização. E o mito cristão ressalta a espiritualização da carne (a carne tornou-se espírito: "o espírito se fez carne").

A semelhança entre a significação do mito de Prometeu e a significação do mito judaico-cristão é tão completa, que nos dois casos, a queda representada pelo rapto do fogo e pela maçã colhida recebe castigo de purificação para o "autor do crime" e suas criaturas (no mito de Prometeu) e seus descendentes (no mito de Gênesis).

---

11. DIEL, P. Op. Cit. p. 233.

## CONCLUSÃO

A Mitologia Grega se destacou entre as demais mitologias, pelo seu caráter artístico e religioso, que geralmente relatavam fatos reais ou ensinamentos morais. O mito alimentou durante séculos a literatura, a poesia, a tragédia, a comédia e as artes plásticas. Teve grande influência na religião, como pode ser observado, por exemplo, na Bíblia Sagrada, que é repleta de mitos e simbolismos.

Nas histórias mitológicas, o tempo não existia, ou melhor, ele era reversível, os deuses e heróis prosseguiram e retrocediam no tempo, fazendo com que as coisas parecessem acontecer juntas.

Os povos gregos criavam mitos de acordo com suas necessidades, primeiro se apegaram às divindades telúricas: valorizavam a natureza, faziam cultos a ela para amenizar a sua ira, por estarem retirando para eles o que na verdade pertencia à Terra-Mãe. Logo transferiram os cultos para as divindades urânicas por sentirem carência espiritual: acreditavam na manifestação do sobrenatural por meio do natural. A partir do momento em que o homem começou a fabricar instrumentos e a formar sociedades, passou a enfrentar a natureza e a distanciar-se dela, criando mitos antropocêntricos, a referência se tornou o outro (homem social). Os deuses passaram a ter qualidades, defeitos e formas como os humanos.

Hoje o mito ainda está presente em nossas vidas. Criamos, como os primitivos, mitos de acordo com nossas carências afetivas, psicossociais e até mesmo espirituais. Os super-heróis são projeções do homem para amenizar suas impotências perante o mundo. Quem nunca se imaginou voando ou sendo herói de alguém?

O cinema, o teatro e a literatura são os principais instrumentos de exibição dos mitos, os quais abrem espaço para o espectador (leitor) se imaginar no lugar do herói.

*"As personagens apresentadas são a versão moderna dos heróis mitológicos e encarnam o ideal de grande parte da sociedade. O super-herói, de infinitos poderes camuflados nas vestes de um jornalista tímido e apagado, mostra claramente a nostalgia do homem moderno que, sabendo - se fraco,*

*decaído, insignificante, sonha revelar-se um dia herói de alguém".<sup>1</sup>*

Todos os mitos são formas de explicação, e eles existem em todas sociedades. Hoje os mitos ainda são formas de explicação de uma sociedade. Exemplos como os de Elvis Presley (juventude transviada), Marilyn Monroe e Madona (mitos sexuais), Hitler e a supremacia da raça ariana e a luta entre o bem e o mal, são constantes na mentalidade da humanidade.

Hoje o mito também está presente em várias áreas de estudo. Freud, por exemplo, utiliza os mitos em vários livros, como forma de explicação de suas teses.

Através da mitologia desde as mais primitivas até as mais modernas (ficção científica) sempre o homem procurou compensar a distância que o separa cada vez mais do universo irracional. O mito conserva até os nossos dias a vitalidade e presença grandiosa tratando dos mesmos problemas existenciais, morais e sociais que continuam a afligir a humanidade.

-----

1. Chico Buarque de HOLANDA apud Italiano Monini, Mitologia Greco-Judaica e Racionalismo Moderno, p. 92.

## BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1994.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico - Etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1992 (2 volumes).

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994 (3 volumes).

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 6ª ed., São Paulo: Ática, 1995.

DIEL, Paul. **O Simbolismo na Mitologia Grega**. São Paulo: Attar Editor, 1991.

GAARDEN, Jostein. **O Mundo de Sofia: Romance da História da Filosofia**. Tradução João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRAVES, Robert. **Deuses e Heróis do Olimpo**. Rio de Janeiro: Xenon, 1992.

HESÍODO. **Teogonia: A Origem dos Deuses**. 2ª ed., São Paulo: Iluminuras, 1992.

KERÉNYI, Karl. **Os Deuses Gregos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

MONINI, Italiano. **Mitologia Greco-Judaica e Racionalismo Moderno**: um ensaio. Goiânia: UCG, 1995.

PLATÃO. **A República**. Bauru, SP: EDIPRO, 2001 (Série Clássicos).

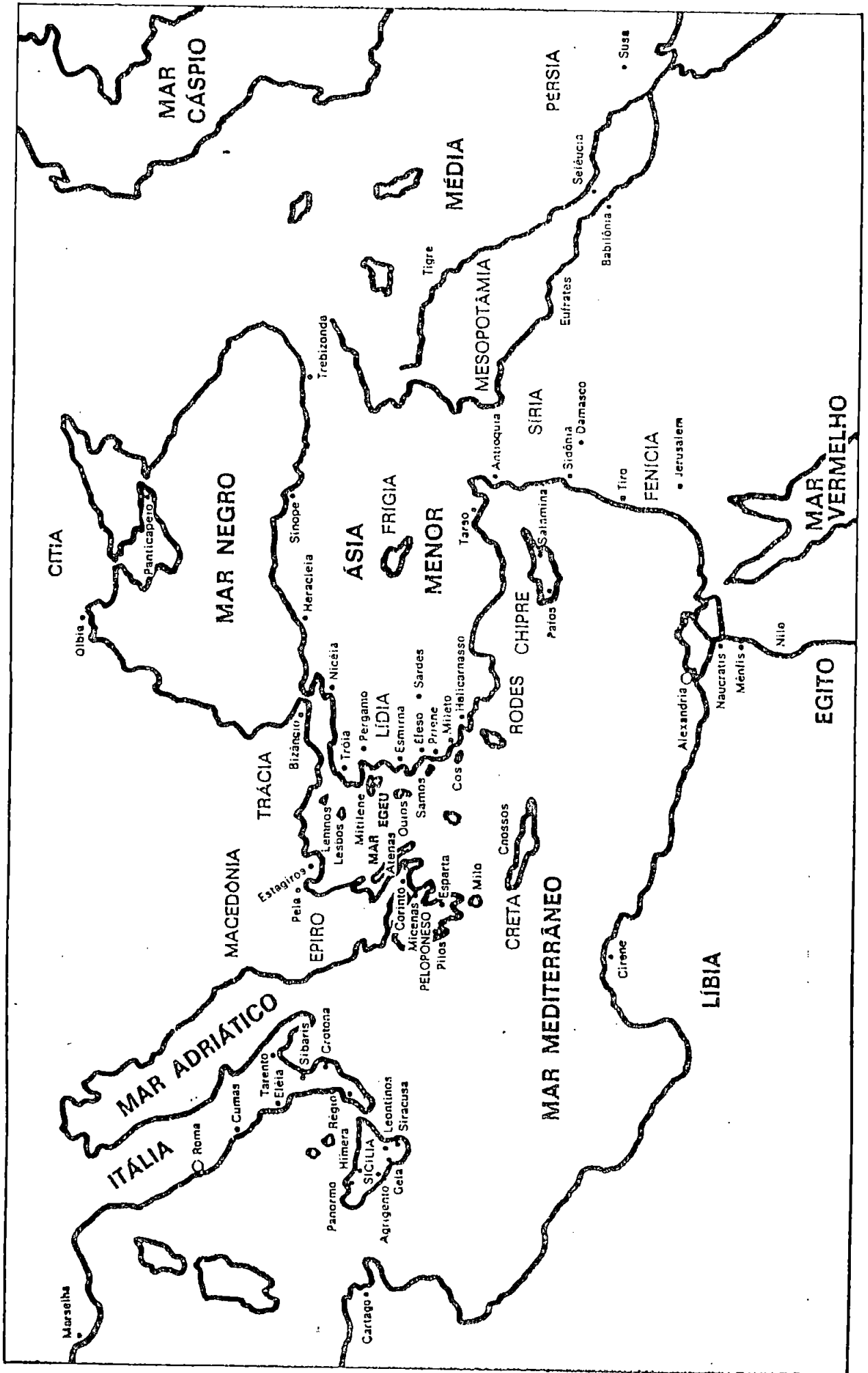
SANTRIDIAN, Pedro R. **Dicionário Básico das Religiões**. Aparecida, SP: Santuário, 1996.

SILVA, J. C. Avelino da. **Mitos Telúricos, dominação celeste in Fragmentos de Cultura**. Goiânia. V. 11, nº 1, p. 11-32. jan./fev. 2001.

VICTORIA, Luiz A. P. **Dicionário Básico de Mitologia Grécia-Roma-Egito**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

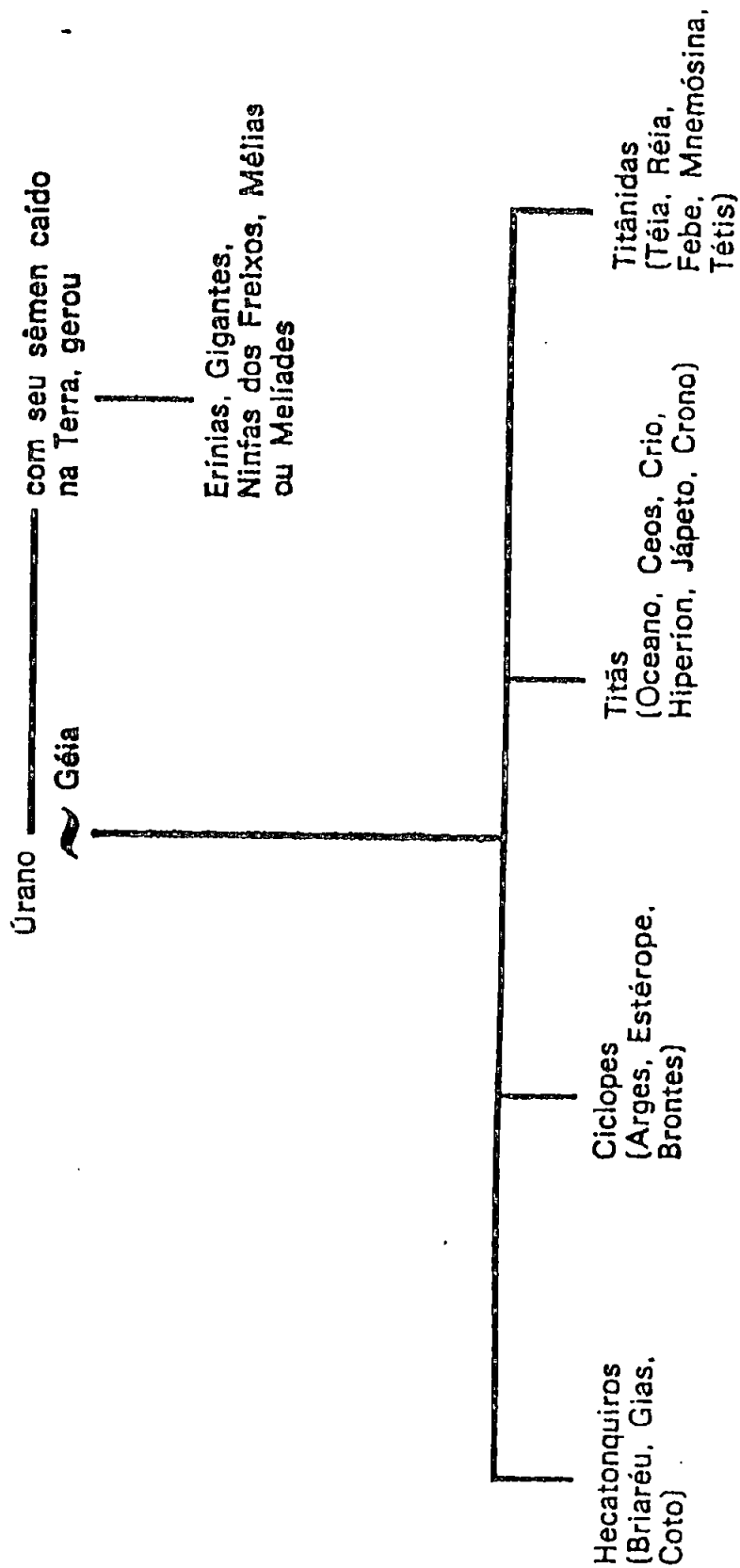
## ANEXOS

ANEXO 1



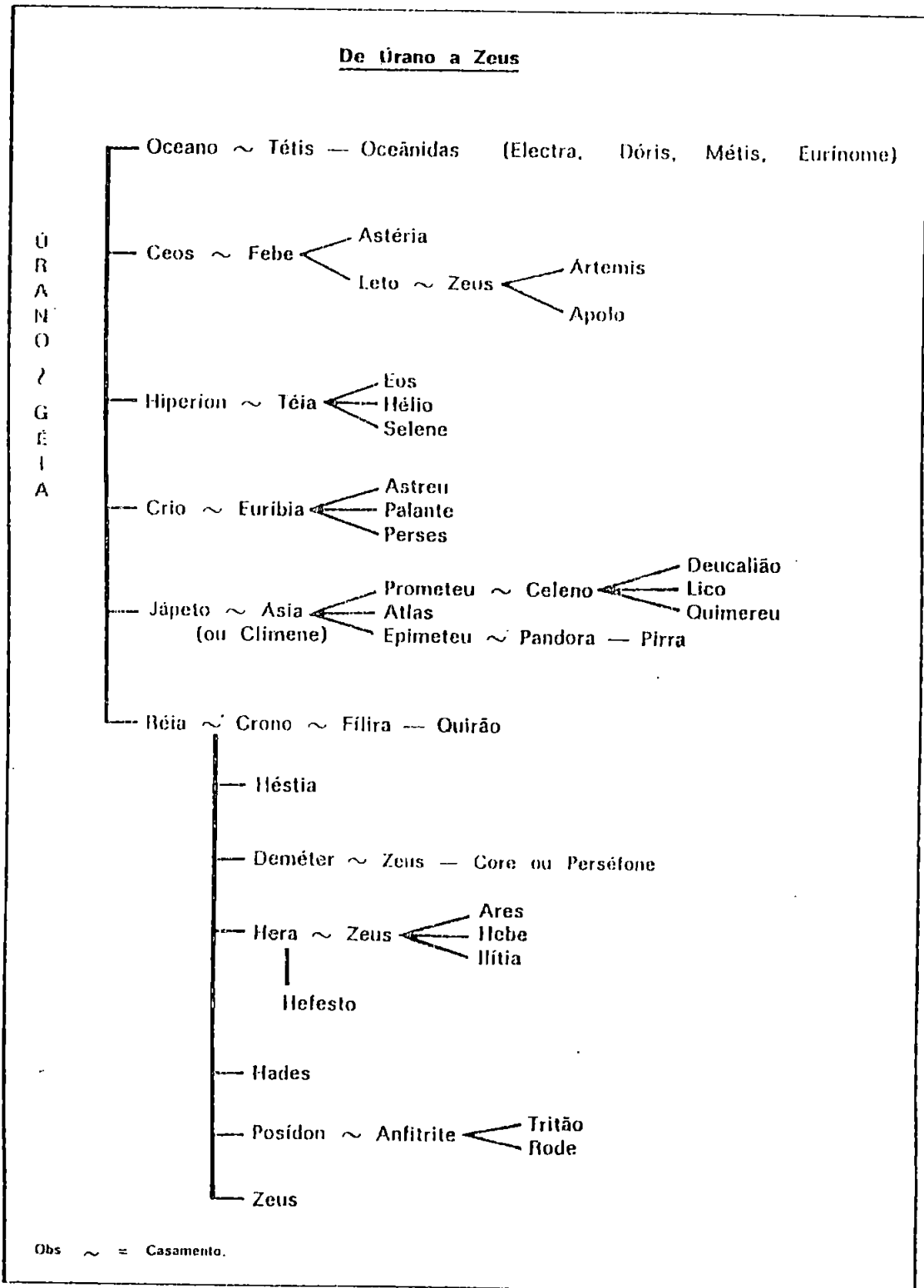
Mapa do Mundo Helênico

**A Primeira Geração Divina**



Obs.: : Casamento.

## ANEXO 3



## ANEXO 4

### *A Titanomaquia*

Tão logo o pai lhes teve ódio no ânimo  
prende em poderosa prisão Briareu, Cotos e Giges  
admirado da bem-armada bravura, aspecto  
e tamanho, e meteu-os sob a terra de amplas vias. 620  
Aí, doloridos sob a terra habitando  
jaziam nos confins e fronteiras da grande terra  
com longas angústias e grande mágoa no coração.  
Mas o Cronida e os outros Deuses imortais  
que Réia de belos cabelos pariu amada por Cronos 625  
restituíram-nos à luz por conselhos da Terra.  
Ela lhes revelou clara e plenamente:  
teriam com eles vitória e renome esplêndido.  
Há muito combatiam com dolorosas fadigas 629  
uns contra outros em violentas batalhas 631  
os Deuses Titãs e quantos nasceram de Cronos: 630  
uns no alto Ótris — os Titãs magníficos —, 632  
outros no Olimpo — os Deuses doadores de bens  
que Réia de belos cabelos pariu amada por Cronos.  
Davam uns aos outros doloroso combate 635  
em batalhas contínuas há dez anos cheios.  
Nenhum final nem solução da áspera discórdia  
de nenhum lado, ambíguo pairava o termo da guerra.  
Mas quando àqueles ofereceu todo o sustento,  
néctar e ambrosia que só os Deuses comem 640  
no peito de todos cresceu o ânimo viril.  
Após sorverem o néctar e a amável ambrosia  
disse-lhes o pai dos homens e dos Deuses:  
“Ouvi-me, filhos magníficos da Terra e do Céu,  
que eu diga o que no peito o ânimo me ordena: 645  
já há muitos anos, uns contra os outros,  
todo dia combatemos pela vitória e poder  
os Deuses Titãs e quantos nascemos de Cronos.  
Vós com grande violência e braços intocáveis  
surgi contra os Titãs na lúgubre batalha, 650  
lembrai a doce lealdade e quanto sofrestes  
na prisão cruel antes de voltar à luz  
por nossos desígnios, de sob a treva nevoenta”.

Assim falou. Respondeu o irrepreensível Cotos:  
“Ó, portento, não o não sabido revelas: nós  
sabemos que tens supremo cor e supremo espírito, 655  
e repeliste dos imortais o mal horrendo;  
por tua sabedoria, de sob a treva nevoenta  
das prisões sem-mel, nós já sem esperanças  
de volta viemos, ó rei filho de Cronos. 660  
Agora com riço espírito e prudente vontade  
defenderemos vosso poder na luta terrível  
combatendo os Titãs na violenta batalha”.

Assim falou. Aprovaram os Deuses doadores de bens  
a palavra ouvida. Ávido de guerra o ânimo 665  
ainda mais, e despertaram o triste combate  
todos — Deusas e Deuses — naquele dia:  
os Deuses Titãs, quantos nasceram de Cronos,  
os que Zeus do Êrebo sob a terra lançou à luz,  
terríveis, poderosos, com bem-armada violência. 670  
Deles eram cem braços que saltavam dos ombros  
de cada um, cabeças de cada um cinqüenta  
brotavam dos ombros sobre grossos membros.  
Eles impuseram aos Titãs lúgubre batalha  
agarrando íngremes pedras com os grossos braços. 675  
Os Titãs defronte fortificavam as fileiras  
com ardor. Ambos os lados mostravam obras  
braçais violentas. Terrível mugia o mar infinito,  
retumbava forte a terra, o vasto céu gemia  
sacudido, no solo estremecia o alto Olimpo 680  
sob golpes dos imortais, o abalo pesado atingia  
o Tártaro nevoento, e o surdo estrondo de pés  
de indizíveis assaltos e ataques brutais.  
E uns contra outros lançavam dardos gemidosos,  
vinda de ambos atinge o céu constelado 685  
a voz exortante, e batiam-se com grande grito.

Não mais Zeus continha seu furor e deste  
furor logo encheram-se suas vísceras e toda  
violência ele mostrava. Do céu e do Olimpo  
relampejando avançava sempre, os raios 690  
com trovões e relâmpagos juntos voavam

do grosso braço, rodopiando a chama sagrada  
densos. A terra nutriz retumbava ao redor  
queimando-se, crepitou ao fogo vasta floresta,  
fervia o chão todo e as correntes do Oceano 695  
e o mar infecundo, o sopro quente atava  
os Titãs terrestres, a chama atingia vasta  
o ar divino, apesar de fortes cegava-os nos olhos  
o brilhar fulgurante de raio e relâmpago.  
O calor prodigioso traspassou o Caos. Parecia, 700  
a ver-se com olhos e ouvir-se com ouvidos a voz,  
quando Terra e o Céu amplo lá em cima  
tocavam-se, tão grande clangor erguia-se  
dela desabada e dele desabando-se por cima,  
tal o clangor dos Deuses batendo-se na luta. 705  
Os ventos revolviam o tremor de terra, a pocira,  
o trovão, o relâmpago e o raio flamante,  
dardos de Zeus grande, e levavam alarido e voz  
ao meio das frentes, estrondo imenso erguia-se  
da discórdia atroz. Mostrava-se o poder dos braços. 710  
A batalha decaí. Antes, uns contra outros  
atacavam-se tenazes em violentas batalhas.  
Na frente despertaram áspero combate  
Cotos, Briareu e Giges insaciável de guerra.  
Trezentas pedras dos grossos braços 715  
lançavam seguidas e cobriram de golpes  
os Titãs. E sob a terra de amplas vias  
lançaram-no e prenderam em prisões dolorosas  
vencidos pelos braços apesar de soberbos,  
tão longe sob a terra quanto é da terra o céu, 720  
pois tanto o é da terra o Tártaro nevoento.

## ANEXO 5

### ALEGORIA DA CAVERNA

PLATÃO. A República. Bauru, SP: EDIPRO, 2001  
(Série Clássicos) p. 263-266

Imagina os homens encerrados em morada subterrânea e cavernosa que dá entrada livre à luz em toda a extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só vêem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto. Atrás dele, a certa distância e altura, um fogo cuja luz os alumia; entre o fogo e os cativos imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os tabiques que os pelotiqueiros põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes as molas dos bonecos maravilhosos que lhes exibem.

Supõe ainda homens que passam ao longo deste muro, com figuras e objetos que se elevam acima dele, figuras de homens e animais de toda a espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam silêncio.

Assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica frente?

E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras?

Ora supondo-se que pudessem conversar, não te parece que, ao falar das sombras que vêem, lhes dariam os nomes que elas representam?

E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos?

Em suma, não criam que houve nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilaram.

Vejamos agora o que aconteceria, se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente

para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via.

Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhes desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados?

Obrigado a fitar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos eram mostrados?

Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o libertar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera? Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe-ia possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por seres reais.

Precisaria de tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros serem refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia.

Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é.

Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da idéia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram.

Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por

isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o homem de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?

Supõe que nosso homem volte ainda para a caverna e vá assentar-se em seu primeiro lugar. Nesta passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe ficariam os olhos como submersos em trevas?

Se, enquanto tivesse a vista confusa – porque bastante tempo se passaria antes que os olhos se afizessem de novo à obscuridade – tivesse ele de dar opinião sobre as sombras e a este respeito entrasse em discussão com os companheiros ainda presos em cadeias, não é certo que os faria rir? Não lhe diriam que, por ter subido à região superior, cegara, que não valera a pena o esforço assim, se alguém quisesse fazer com eles o mesmo e dar-lhes a liberdade mereceria ser agarrado e morto?

## ANEXO 6

### Zeus, o fertilizador

- Métis: Atena
- Têmis: Horas, Moiras
- Dione: Afrodite
- Eurínome: Cárites
- Mnemósina: Musas
- Leto: Apolo, Artemís
- Deméter: Core ou Perséfone
- Hera: Ares, Hebe, Ilítia

(uniões divinas)

- Alcmena: Hércules
- Antíope: Anfião, Zeto
- Calisto: Arcas
- Dânae: Perseu
- Egina: Éaco
- Electra: Dárdano, Iásion, Harmonía
- Europa: Mínos, Sarpédon, Radamanto
- Io: Épafo
- Laodamia: Sarpédon
- Leda: Helena, Dioscuros (Castor e Pólux), Clitemnestra
- Maia: Hermes
- Niobe: Argos, Pelasgo
- Plutó: Tântalo
- Sêmele: Dioniso
- Taigeta: Lacedêmon

(uniões humanas  
e com heroínas)

Zeus



## ANEXO 8

### I — QUADRO GERAL DOS OITO DEUSES OLÍMPICOS

<i>Deuses e suas atribuições</i>	<i>Natureza</i>	<i>Função arquetípica</i>	<i>Outras características importantes</i>	<i>Alguns representantes típicos</i>
<b>Zeus:</b> deus do céu (Olimpo). Senhor dos raios e trovões. Domínio da vontade e do arbitrio.	Deus patrilíneo	Rei, senhor do Olimpo, pai do céu. Executivo. Conquistador. Hábil em fazer alianças. Galanteador e amante contumaz.	Legítima esposa: Hera. Inúmeras amantes.	Henrique VIII (Inglaterra), Luiz XIV (França), Napoleão Bonaparte, Getúlio Vargas
<b>Posídon:</b> deus do mar, das tempestades e terremotos. Domínio da emoção e do instinto.	Deus patrilíneo	Rei, senhor dos mares, pai da terra. Domínio das profundidades, das emoções primordiais. Instintivo, emotivo, Inimigo implacável.	Legítima esposa: Anfítrite. Algumas amantes. Vários filhos, em sua maioria violentos ou monstruosos.	Eugene O'Neill, Beethoven, Rubem Braga
<b>Hades:</b> deus do mundo subterrâneo. Domínio das almas e do inconsciente.	Deus patrilíneo	Rei recluso. Domínio das imagens, fantasias e sombras.	Legítima esposa: Perséfone.	P. Vergílio Marão, Dante, C.G. Jung, Machado de Assis.
<b>Apolo:</b> deus do sol, da música, da mântica.	Filho protegido de Zeus	Determinador bem-sucedido de metas a alcançar. Legalista, conservador. Excelente irmão.	Solteiro. Fracassos no amor. Vários filhos com amantes.	Esquilo, Píndaro, Juscelino, Kubitschek, George Bush
<b>Ares:</b> deus da guerra.	Filho rejeitado	Impulsivo, violento, apaixonado, agressivo e sujeito a reações físicas. Amante arrebatado.	Solteiro. Amante ardente de Afrodite. Vários filhos, violentos como o pai.	Robert Kennedy, John McEnroe, João Saldanha
<b>Hermes:</b> deus mensageiro dos imortais, psicopompo, companheiro do homem.	Filho protegido e estimado por seus pares	Andarilho, grande capacidade de comunicação. Excelente guia. Trabalhador, diplomata; sumamente esperto e trapaceiro, donde "sociopata".	Solteiro. Alguns filhos com várias amantes.	Marco Polo, Brão do Rio Branco, Von Ribbentrop, Tarcido Neves
<b>Hefesto:</b> deus das forjas. Grande ourives.	Filho rejeitado e ridicularizado por seus pares	Artista consumado. Um gênio criativo. Trabalha na solidão.	Casado com Afrodite e por ela traído. Fracassado no amor.	Michelangelo, James Joyce, Aleijadinho, Carlos Drummond de Andrade
<b>Dioniso:</b> deus do vinho, do êxtase e do entusiasmo.	Filho protegido com desvelo	Dinâmico, libertário, sem repressões, amante entusiasta, místico.	Solteiro. Algumas amantes. Grande amor: Ariadne.	Eurípides, André Gide, Fernando Pessoa, Afonso Romano de Sant'Anna

### II — TABELA DOS OITO DEUSES SOB ENFOQUE JUNGUIANO

<i>Deuses</i>	<i>Visão psicológica junguiana</i>	<i>Dificuldades psicológicas</i>	<i>Pontos de apoio</i>
<b>Zeus</b>	Normalmente extrovertido. Definitivamente racional. Intuitivo e sensível.	Autoritário. Cruel, por vezes. Inflação. Imaturidade emocional.	Hábil no uso do poder. Resoluto. Prolífico.
<b>Posídon</b>	Ora introvertido, ora extrovertido. Definitivamente sentimental.	Emotividade destrutiva. Instabilidade emocional. Excessiva auto-estima.	Leal. Fácil acesso aos sentimentos.
<b>Hades</b>	Definitivamente introvertido. Definitivamente sensível. Vive alheio ao tempo.	Inadequação social. Distorção da realidade. Depressão. Baixa auto-estima.	Mundo de imagens interiores. Rico. Desprendido.
<b>Apolo</b>	Normalmente extrovertido. Intuitivo. Reflexivo. Visão do futuro.	Arrogância. Distanciamento emocional. Age à distância.	Sabe apreciar a claridade e a forma. Hábil em atingir metas.
<b>Ares</b>	Definitivamente extrovertido. Definitivamente sentimento e sensação. Vive o presente.	Reação emocional. Abusivo. Intempestivo. Bode expiatório. Baixa auto-estima.	Integração psicossomática. Expressividade emocional.
<b>Hermes</b>	Normalmente extrovertido. Definitivamente intuitivo. Geralmente meditativo.	Impulsivo. Visão do presente, passado e futuro. "Adulescens aeternus".	Capacidade para compreender significantes e significados. Amigo. Comunicador de idéias.
<b>Hefesto</b>	Definitivamente introvertido. Definitivamente sentimento e sensação. Busca do presente.	Inadequação social. Bufão. Baixa auto-estima.	Criatividade, engenhosidade. Habilidade manual. Capacidade para ver e criar o belo.
<b>Dioniso</b>	Ora extrovertido, ora introvertido. Definitivamente sensação. Vive o presente imediato.	Distorção na autopercepção. Abuso da essência.	Apreciação da experiência sensorial. Intensidade apaixonada. Amor à natureza.

## ANEXO 9

### I — QUADRO GERAL DAS SEIS DEUSAS OLÍMPICAS

DEUSAS E SUAS ATRIBUIÇÕES	NATUREZA	FUNÇÃO ARQUETÍPICA
<b>Hera</b> Deusa do casamento	Deusa vulnerável	Esposa Símbolo da fidelidade
<b>Deméter</b> Deusa da terra cultivada	Deusa vulnerável	Mãe Nutridora
<b>Core-Perséfone</b> Jovem e rainha do Hades	Deusa vulnerável	Dependência materna Mulher receptiva
<b>Atená</b> Deusa da inteligência e das artes	Deusa virgem, invulnerável	"Filha do pai" Racional e estrategista
<b>Héstia</b> Deusa da lareira e do templo	Deusa virgem, invulnerável	Símbolo da catarse Mulher recatada, religiosa e solícita
<b>Artemis</b> Deusa da caça e da lua	Deusa virgem, invulnerável	Irmã Participante e competidora Feminista e contestadora
<b>Afrodite</b> Deusa da beleza e do amor	Deusa alquímica	Sensual e amante Mulher criativa

### II — TABELA DAS SEIS DEUSAS OLÍMPICAS SOB ENFOQUE JUNGUIANO

DEUSAS	VISÃO PSICOLÓGICA JUNGUIANA	DIFICULDADES PSICOLÓGICAS	PONTOS DE APOIO
<b>Hera</b>	Normalmente extrovertida Normalmente sensível Normalmente carinhosa	Ciumenta, vingativa, rancorosa, inábil em romper uma relação destrutiva	Fiel, capaz de manter para sempre os compromissos assumidos
<b>Deméter</b> <b>Core-Perséfone</b>	Normalmente extrovertida Normalmente sensível Normalmente introvertida Normalmente sensível	Depressiva, introvertida, dependente como agente da nutrição, inábil em planejar a gravidez Depressiva, manipulável, voltada para a fantasia	Inabilitada para a maternidade e para a nutrição, generosa  Receptiva, imaginosa, sonhadora
<b>Atená</b>	Normalmente extrovertida Definitivamente reflexiva Normalmente pouco sensível	Distante emocionalmente, astuciosa, carente de empatia	Ágil em pensar com acerto, objetiva na solução de problemas, sempre disposta a formar sólidas alianças com os homens
<b>Héstia</b>	Definitivamente introvertida Normalmente sensível e intuitiva Normalmente recatada	Distante emocionalmente, socialmente carente	Amante da solidão, espiritualmente criativa
<b>Artemis</b>	Normalmente extrovertida Normalmente intuitiva Normalmente sensível	Distante emocionalmente, cruel, rancorosa	Hábil na consecução de seus objetivos, autônoma, independente, amiga das mulheres
<b>Afrodite</b>	Definitivamente extrovertida Definitivamente sensível	Pródiga em relacionamentos amorosos, promíscua, lenta em avaliar conseqüências	Sagaz em desfrutar da beleza e do amor, sensual e criativa

ANEXO 10

